

O IMPACTO DA FORMAÇÃO DO CURSO TÉCNICO EM COMÉRCIO PROEJA NA CARREIRA DOS EGRESSOS DO IFMT CAMPUS CONFRESA

Niliane Vieira Lopes

nilianevieiralopes@gmail.com.br

Graduanda em Bacharelado em Agronomia (IFMT)

Orcid: 0009-0006-6035-6473

Janile Silva Rodrigues de Jesus

Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (Unep),

bacharela em Administração (IFBA)

Professora de Administração do IFMT

Orcid: 0000-0001-6687-4286

Resumo: O presente trabalho analisou de que forma o Proeja contribuiu para a formação dos egressos do IFMT Campus Confresa do Curso Técnico em Comércio. Para tal, por meio de entrevista com os discentes do curso, foi possível realizar a análise. Os resultados mostram que o curso teve impacto positivo na vida da maioria dos discentes e egressos. Entretanto, houve algumas divergências e sugestões de melhorias feitas por eles. A partir deste estudo, espera-se que haja uma contribuição na elaboração dos próximos cursos.

Palavras-chave: Proeja. Formação. Curso técnico.

***Abstract:** The present work analyzed how PROEJA contributed to the formation of graduates of the IFMT Campus Confresa of the Technical Course in Commerce. For this, it was possible to carry out the analysis through interviews with the students of the course. The results show that the course had a positive impact on the lives of most students and graduates; however, there were some disagreements and suggestions for improvements made by them. From this work, it is expected that there will be a contribution in the elaboration of the next courses.*

Keywords: Proeja. Formation. Technical course.

Introdução

O processo de criação do ensino técnico e tecnológico perpassa por um longo caminho na história da educação, que nasceu com a necessidade de formar profissionais para trabalhar na indústria. Com a industrialização do país, surgiu a carência de profissionais qualificados para o mercado. Assim, já nas leis orgânicas – instituídas na Reforma de Gustavo Capanema a partir de 1942, houve uma reformulação dos currículos em relação ao grau, cursos e afins. A partir da criação da Unesco, em 1945, também passou a ter uma preocupação maior em relação à redução do analfabetismo. Ocorreram, então, algumas campanhas nacionais com objetivo de erradicar o analfabetismo, chamadas de Cruzadas (Baracho; Pereira; Silva, 2006).

De acordo com Moura (2009, p. 6):

Conforme consta em CEFET-RN (2005) e nos Parecer nº 16/99-CEB/CNE, os primeiros indícios do que hoje se pode caracterizar como as origens da educação profissional surgem a partir do século XIX, mais precisamente em 1809, com a promulgação de um Decreto do Príncipe Regente, futuro D. João VI, criando o Colégio das Fábricas. Em 1816, a criação da Escola de Belas Artes com o objetivo de articular o ensino das ciências e do desenho para os ofícios a serem realizados nas oficinas mecânicas; em 1861, a criação do Instituto Comercial no Rio de Janeiro, para ter pessoal capacitado para o preenchimento de cargos públicos nas secretarias de Estado; nos anos 1940 do século XIX, a construção de dez Casas de Educandos e Artífices em capitais brasileiras, sendo a primeira em Belém do Pará; em 1854, a criação de estabelecimentos especiais para menores abandonados, chamados de Asilos da Infância dos Meninos Desvalidos que ensinavam as primeiras letras e encaminhavam os egressos para oficinas públicas e particulares, através do Juizado de Órfãos.

Já no período da ditadura militar, essas campanhas de alfabetização continuaram, porém com um viés mais assistencialista

e conservador, como o Mobral, o PIPMO e Fundação Educar. O Supletivo, quando surgiu em 1971, foi um avanço ao EJA (Educação de Jovens e Adultos), pois a Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, reconhecia como um direito à cidadania. A educação de jovens e adultos, nesse período, ainda foi executada por meio de programas, porém de cunho assistencialista e conservador.

O Mobral tinha o objetivo de proporcionar a conclusão do ensino primário, além do desenvolvimento de técnicas de leitura, escrita e cálculo. Já para profissionalizar, foram desenvolvidas ações por meio do PIPMO, no intuito de profissionalizar os trabalhadores dos projetos que foram criados no governo, porém a necessidade dessa qualificação era de forma restrita e o mercado não precisava de um número grande de profissionais, o que gerou uma grande expulsão dos profissionais qualificados do mercado de trabalho. A Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, acarretou também o desenvolvimento de projetos em parceria com o Sistema S, instituindo projetos educacionais profissionalizantes. Por fim, os supletivos foram um marco para a EJA, que surgiu em uma época em que a educação de jovens e adultos se tornou um direito à cidadania.

Em 1990, a nova LDB determinou a Educação Profissional e a EJA como modalidades de ensino. Na década de 90, a exigência do mercado de trabalho passou a ser por um profissional polivalente e as preocupações giravam em torno da empregabilidade, qualidade total e pedagogia das competências. Assim, a partir de 2005 surgiram decretos e pareceres que formalizaram a educação profissional integrada ao EJA, o chamado Proeja (Baracho; Pereira; Silva, 2006).

O Proeja tem um impacto bastante importante para a integração do currículo, ciência, tecnologia, cultura e arte como impulsionador que não permite que o ensino seja dualista (somente formação básica ou somente profissionalizante). Assim, o indivíduo pode se profissionalizar ao mesmo tempo que obtém a sua formação básica, o que gera estímulos para que os estudantes continuem o estudo,

visto que não precisam escolher entre se qualificar para o mercado de trabalho ou terminar a formação. Embora existam muitas desigualdades ainda nesse processo, o Proeja pode ser percebido como um avanço na tentativa de proporcionar a formação integral ao indivíduo – que tanto foi buscada ao longo do tempo.

Essas possibilidades de ensino permitem que nos aproximemos, cada vez mais, da formação integral do indivíduo e, ao mesmo tempo, também representam desafios a serem vencidos, pois dependem bastante das articulações políticas que a educação profissional tecnológica tem com o governo. A preocupação torna-se latente para que a educação profissional de jovens e adultos não volte a ser uma mera promotora de formações para atender às formações técnicas e profissionais exigidas pelo mercado, mas que seja permitido atender ao lado humano do indivíduo.

Questionou-se, então, como a formação promovida pelo Instituto Federal de Mato Grosso, Campus Confresa, pode ser um ponto norteador da carreira dos estudantes dos cursos profissionalizantes da educação de jovens e adultos. Foram investigadas quais transformações esses estudantes enfrentaram ao longo da formação no instituto e qual impacto que a formação teve na vida profissional desses egressos.

Para tal, o presente projeto objetivou investigar de que forma o Proeja contribuiu para a carreira dos egressos do IFMT Campus Confresa, com o intuito de verificar as transformações que eles perpassaram ao longo dos anos, compreender como foi o processo de formação dos estudantes, tendo como objetivos específicos analisar se o trabalho atual dos egressos tem relação com o curso realizado na instituição; apresentar propostas de aperfeiçoamento para os cursos futuros de Proeja, com base no que foi investigado e verificar a quantidade de novos ingressos e egressos de todas as turmas do curso.

1. Fundamentação teórica

Com a substituição da atividade agroexportadora pela atividade industrial, surgiu a necessidade de profissionalização para atender à industrialização que vinha sendo constituída no país. Formações de especialistas e/ou profissionais qualificados para atuar na indústria, comércio e agricultura tornaram-se essenciais e, assim, o Estado adotou política de recursos humanos, dando origem ao Senai e Senac. Além disso, no governo de Juscelino Kubitschek, através do Plano de Metas, consolidou-se a base eletromecânica no país objetivando ditar as diretrizes do processo produtivo (Moura, 2009). Percebe-se que nesse período, a predominância maior era em profissionalizar para atender às demandas da economia do país de forma que atendessem ao ensino normal, industrial, comercial e agrícola, em que o ensino normal prepararia o professor do ensino primário e os outros formariam os filhos dos operários, enquanto o ensino secundário formaria as elites. Além disso, havia a necessidade de reduzir o analfabetismo e surgiram, então, algumas campanhas nacionais com o objetivo de erradicar o analfabetismo, chamadas de Cruzadas.

Em 1990, a nova LDB determinou a Educação Profissional e a EJA como modalidades de ensino. Na década de 90, a exigência do mercado de trabalho passou a ser por um profissional polivalente e as preocupações giraram em torno da empregabilidade, qualidade total e pedagogia das competências. Assim, a partir de 2005 surgiram decretos e pareceres que formalizaram a educação profissional integrada ao EJA, o chamado Proeja (Baracho; Pereira; Silva, 2006).

A Lei nº 9.394/96 trouxe as diretrizes para o Ensino Médio e permitia a possibilidade de formar o trabalhador; assim, havia um capítulo específico para EPT (Educação Profissional e Tecnológica) que definia de forma vaga alguns princípios da Educação Profissional, descritos nos artigos 39 a 42 – o que gerou a necessidade de leis complementares e decretos temporários, portarias ministeriais e/

ou resoluções para determinar de forma mais eficaz as definições essenciais à EPT. Já o Decreto nº 2.208, de 17/04/1997, levou a muitos fechamentos de escolas e cursos técnicos públicos; o então presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC) regulamentou o parágrafo 2º do artigo 36 e os artigos 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20/12/1996 (Brasil, 1996), ou seja, definiu de forma direta e objetiva o que não estava claro no texto da LDB.

Os níveis da educação profissional, técnico, tecnológico e básico, possibilitaram o recebimento de certificado, por meio de competências, através apenas da forma concomitante ou subsequente ao Ensino Médio, o que levou à extinção da formação técnica integrada, política essa voltada principalmente a uma formação tecnicista, eliminando a possibilidade de uma formação mais humanística (Afonso; Gonzalez, 2016). Os conceitos de competência profissional e habilidades, a organização por áreas profissionais, dentre outras diretrizes para a EPT, foram definidos na Resolução n.º 04/1999 do Conselho Nacional de Educação (CNE) (Brasil, 1999), que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico.

Em contrapartida, o Decreto nº 5.154, de 23/07/2004, revogou o Decreto nº 2.208/1997, redefinindo os níveis da educação profissional, inclusive dando possibilidade de retorno à modalidade de ensino médio integrada, além de manter os formatos concomitante e subsequente, e de certificações parciais e diplomas, o que permite uma formação mais humana, porém direcionando também para a rápida inserção do indivíduo no mercado de trabalho. Surgiu a Resolução nº 01/2005 do CNE a nomenclatura “Educação Profissional de Nível Básico” com as Diretrizes Curriculares Nacionais, definidas para o Ensino Médio e para a Educação profissional Técnica de Nível Médio, tendo carga horária mínima definida. Ademais, a antiga “Educação Profissional de nível técnico” passou a denominar-se “Educação Profissional Técnica de nível médio” e “Educação Profissional de nível tecnológico” passou a ser “Educação Profissional Tecnológica, de graduação e de pós-graduação”.

Com a publicação da Lei nº 11.741, a EPT de Nível Médio passou a ser considerada comodireito de todos da população brasileira, sendo parte da própria educação básica e tendo que ser garantida pelo Estado. Assim, em 2000, transformaram os Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), dando oportunidade de milhares de vagas a cursos técnicos de nível médio, superiores em tecnologia e licenciatura. Em seguida, o lançamento do decênio do Plano Nacional de Educação de 2014-2024 (PNE) foi estruturado em 20 metas, atendendo a EPT nas metas 10 e 11, objetivando 25% de matrículas na forma integrada ao ensino profissional da educação de Jovens e Adultos nos ensinos fundamental e médio. Por fim, no Documento-Final da Conae de abril de 2010, o eixo VI refere-se à relação de trabalho e educação, tratando de inclusão, diversidade e igualdade, o que leva a ampliar os olhares em relação a essas questões nas instituições de ensino, possibilitando enxergar a educação na perspectiva do trabalho como princípio educativo (Lima, 2016).

Desse modo, é possível perceber como os olhares se voltaram a pensar na formação integral do indivíduo e como possibilitar isso através das modalidades de ensino para além da forma concomitante, sequencial e, principalmente, a formação integrada. Somente assim será possível ter uma Educação Profissional e Tecnológica orientada para a formação universal e completa do homem-aluno. É possível perceber que a educação profissionalizante possibilitou diversos níveis de ensino que visavam atender às mais variadas necessidades, o que se tornou um diferencial dos Institutos Federais perceptível pela verticalização do ensino “[...] de diferentes níveis e modalidades da educação profissional e tecnológica, tomando para si a responsabilidade de possibilidades diversas de escolarização como forma de efetivar o seu compromisso com todos” (Brasil apud Pacheco, 2011, p. 27).

Em 2004, havia decretos que já se referiam à Educação de Jovens e Adultos como qualificação profissional. Daí, inicialmente o Proeja foi estabelecido pela portaria nº 2.080, de 13 de junho de 2005, e em

seguida pelo Decreto nº 5.478, de 24 de junho de 2005. Também teve o Parecer CNE/CEB nº 20, aprovado em 15 de setembro de 2005, como derivação desse decreto que possibilitava o ensino médio integrado à educação profissional; em 2006, o governo juntou especialistas em educação profissional e em educação de jovens e adultos para elaborar currículos integrados (Lima, 2016).

Segundo Moura e Henrique (2012, p. 4), um dos grandes desafios do Proeja é “integrar três campos da educação que historicamente não estão muito próximos: o ensino médio, a formação profissional técnica de nível médio e a educação de jovens e adultos”. Portanto, essa investigação de como o Proeja pode ajudar na formação profissional é fundamental para se tentar alcançar a universalização. Somente assim a educação de jovens e adultos “poderá assumir outro papel: em vez de se destinar à formação inicial, poderá centrar-se na formação continuada da classe trabalhadora” (Moura; Henrique, 2012, p. 3).

2. Metodologia

O presente trabalho teve início no mês de julho de 2022 e, a princípio, foi feito um levantamento de todos os egressos, alunos em curso e alunos que evadiram, com base em dados disponibilizados pelo registro acadêmico do campus para compreender de forma nítida a quantidade de discentes que fazem ou fizeram parte do curso Proeja e, assim, fazer uma análise quantitativa. De acordo com Minayo (2008), os métodos quantitativos têm o objetivo de mostrar dados, indicadores e tendências observáveis, ou produzir modelos teóricos abstratos com elevada aplicabilidade prática. A análise quantitativa é definida como a primeira fase do projeto.

Em seguida, com o levantamento de discentes realizado, elaboraram-se alguns questionários para começar as entrevistas com eles e obter os dados necessários para a formalização do projeto. Foi realizado, assim, o primeiro contato com os egressos, no qual foi feita

uma breve apresentação do projeto, explicando seus objetivos e sua importância para a aprimoração do curso. Após essa apresentação, procurou-se saber se eles gostariam ou não de contribuir para a realização do projeto. Na semana seguinte, isso foi feito também com os alunos em curso.

A pesquisa teve uma fase qualitativa, definida como a segunda fase, na qual foi feito o uso de questionários. Segundo Marconi e Lakatos (2010), a abordagem qualitativa trata-se de uma pesquisa que tem como premissa analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano e ainda fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e tendências de comportamento. Essa fase qualitativa foi fundamental para investigar os egressos do curso, pois com isso foi possível compreender com clareza de que forma o curso contribuiu em suas vidas profissionais.

No mês de agosto, a entrevista com os discentes para a coleta dos dados foi iniciada por meio de um questionário aberto. Segundo Sudman e Braudburn (1982), as perguntas abertas permitem ao respondente dar uma opinião completa com todas as nuances possíveis, possibilitam fazer distinções e que o respondente se expresse com suas próprias palavras, portanto, estando mais à vontade.

No questionário, havia perguntas bem específicas, como, se eles estavam contentes com a dinâmica do curso, se estavam atuando na área e se tinham sugestões de melhorias e/ou implementações que poderiam ser feitas para atender com maior excelência os discentes da instituição; no caso dos desistentes e evasão, foi feita uma entrevista direcionada para verificar quais os motivos que os levaram a desistir do curso. Essa coleta de dados se estendeu até o mês de novembro, quando se iniciou o processo de tabulação das amostras para averiguar os resultados e chegar a uma conclusão, com base na fala dos egressos. Na tabela abaixo, podem-se verificar as perguntas que foram direcionadas aos concluintes e discentes e as que foram dirigidas aos desistentes e evasão.

Quadro 1 – Questionário aplicado aos concluintes e discentes do curso

Perguntas direcionadas aos concluintes e discentes em curso	Perguntas direcionadas aos desistentes e discentes que evadiram
1. Qual sua motivação em fazer o curso?	1. Qual sua motivação em fazer o curso?
2. Como você ficou sabendo do curso Técnico em Comércio do Projeja ofertado pelo IFMT?	2. Como você ficou sabendo do curso Técnico em Comércio do Projeja ofertado pelo IFMT?
3. Você gostou de ter feito o curso? Ao decorrer dele, identificou-se com a área?	3. O que você achou do curso?
4. De que forma o curso contribuiu para sua vida profissional?	4. Qual motivo de você ter desistido?
5. Como foi seu processo de formação?	5. Na sua opinião, quais melhorias e/ou implementações o curso poderia aderir com o intuito de ficar mais completo e atender melhor os estudantes?
6. Seu trabalho atual possui relação com o curso realizado na instituição	
7. Na sua opinião, quais melhorias e/ou implementações o curso poderia aderir com o intuito de ficar mais completo e atender melhor os estudantes?	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Com a finalização das entrevistas, iniciou-se o processo de tabulação dos dados. Foi um processo bastante criterioso, no qual foi analisada de perto cada resposta para tentar compreender o parecer de cada um dos entrevistados. Foi realizado da seguinte forma: as respostas foram colocadas em uma tabela no Excel com o intuito de obter uma melhor visualização dos dados, onde se tornou possível perceber quais eram mais semelhantes para chegar a uma conclusão.

Partindo disso, foi verificado se o curso teve ou não um impacto positivo na vida dos egressos e se seus percursos até a formação foram gratificantes. Tendo esses pressupostos finalizados, tornou-se mais fácil a partir desses dados propor melhorias para o curso com base nas dificuldades que os egressos relataram ter no seu decorrer, também usar suas opiniões de implementação, que foram solicitadas, para que o curso fique mais completo e atenda melhor aos futuros ingressos.

3. Análise de resultados e discussão

A pesquisa foi realizada com todos os egressos do curso desde 2016 até 2019 e o contato deles foi obtido por meio de uma tabela que fora disponibilizada pelo registro escolar do campus. Com a tabela em mãos, o contato com os alunos foi através do WhatsApp, no entanto, por se tratar de um público com todas as idades, e pela quantidade de anos que se passaram até o presente momento, muitos não possuíam WhatsApp. Alguns para os quais as mensagens foram enviadas afirmavam que o telefone de contato não era de tal pessoa e outros não quiseram participar da pesquisa. Desse modo, nem todos os estudantes que passaram pelo curso Técnico em Comércio participaram da pesquisa.

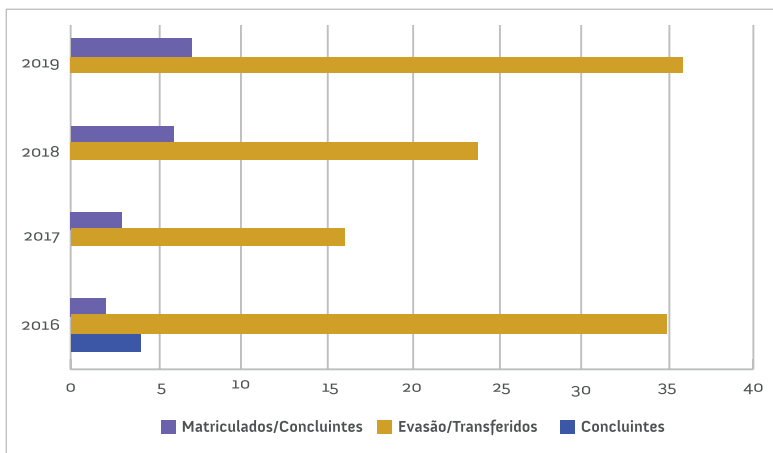
As entrevistas foram realizadas com a intenção de obter o máximo possível de respostas para um resultado preciso sobre o que todos os estudantes do curso técnico em Comércio pensam a seu respeito. Ao todo foram 133 pessoas que fizeram parte do curso no período de 2016 até 2019 e, destes, apenas 25 responderam à entrevista. Dos 133, eram 4 concluintes, 111 evasão/transferidos e 18 concludentes. A tabela abaixo mostra a quantidade de alunos por ano, somando, assim, os 133 estudantes, seguida do gráfico, onde é possível visualizar os dados com maior precisão.

Tabela 1 – Tabela de alunos 2016-2019

ANO	Concluintes	Evasão/transferidos	Matriculados/ Concludentes
2016	4	35	2
2017	0	16	3
2018	0	24	6
2019	0	36	7
TOTAL	4	111	18

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gráfico 1 – Gráfico de alunos – matriculados, concluintes, evadidos e transferidos



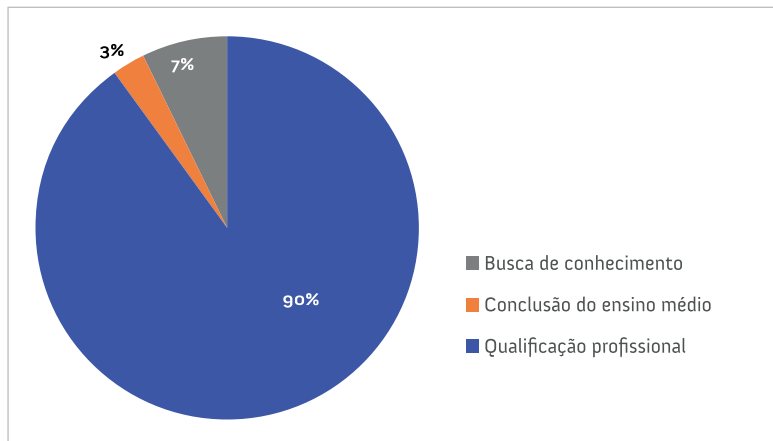
Fonte: Elaborado pelas autoras.

O período entre julho e outubro foi para a aplicação das entrevistas e coleta das respostas. Com as entrevistas, foi possível obter 25 respostas ao todo, sendo 7 de concluintes e 18 de evasão/transferidos; não foi possível obter nenhuma resposta dos que já concluíram. O baixo índice de respostas comparado à quantidade de alunos pode ser explicado pelo grande intervalo de anos que se passaram até o presente momento, pois a maior parte dos que foram contatados diziam que o número não pertencia à tal pessoa, outra parte não tinha WhatsApp, nem Telegram, e alguns simplesmente não quiseram contribuir com a pesquisa.

Com base nas respostas, cerca de 90% dos entrevistados, tanto concluintes quanto evadidos, disseram que a principal motivação para fazer o curso foi em busca de qualificação profissional para atuar no mercado de trabalho. No que diz respeito à forma pela qual souberam sobre o curso, alguns disseram que foi através de um amigo ou de alguém que fazia parte do IFMT e uma minoria disse que foi através das mídias sociais; cerca de 95% gostaram bastante do curso e disseram ser de ótima qualidade. Sobre a contribuição profissional

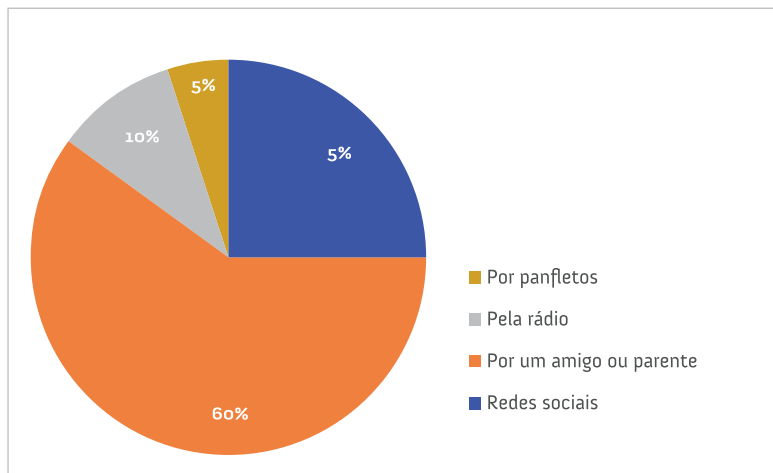
e processo de formação dos concludentes, todos afirmaram que o curso contribuiu muito em suas vidas profissionais e grande parte está atuando na área, disseram ainda que o processo de formação foi árduo e um pouco difícil, mas gratificante.

Gráfico 2 – Motivação para fazer o curso



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gráfico 3 – Como ficaram sabendo sobre o curso



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Acerca dos evadidos ou transferidos, as respostas foram bem variadas, alguns desistiram devido à dificuldade para conciliar o trabalho com o curso, outros, por problemas pessoais, algumas mulheres eram mães e disseram que não tinham com quem deixar os filhos para poder ir ao curso, entre outras questões. Sobre as opiniões de melhorias e/ou implementações para aprimorar o curso, uma grande maioria disse que seria melhor se não fosse integrado ao ensino médio, teve quem disse que poderia se aprofundar em matérias que envolvam marketing, pois ajudaria bastante no mercado de trabalho, dois entrevistados disseram que seria necessário um pouco mais de esforço por parte dos professores, e a grande maioria afirmou que o curso está ótimo da maneira que está sendo conduzido.

Contudo, tanto os alunos que prosseguiram com o curso, quanto os que desistiram, acharam o processo de formação muito gratificante, o que os levou a afirmar que o curso contribuiu de forma significativa em suas vidas profissionais. De acordo com a análise dos resultados, um fator muito importante que explica o alto nível de desistência é a dificuldade da conciliação entre afazeres domésticos e/ou trabalho com o curso, pois se trata de um público adulto em que a maioria não tem sua vida voltada apenas para os estudos, visto que precisam trabalhar para se manter e cuidar de seus outros afazeres. Assim, entre trabalhar e estudar, o estudo acaba tendo que ficar de lado.

No que diz respeito às sugestões de melhorias solicitadas aos discentes, foi possível observar uma diversidade proposta para a implementação do curso, houve algumas bastante parecidas, alguns discentes que disseram que o curso está bom da maneira que está sendo conduzido, outros propuseram a opção de ter apenas o curso, sem ser a integração ao ensino médio (ou seja, curso técnico subsequente), dentre outras propostas. Com isso, é possível verificar que, mesmo com o impacto positivo que o curso trouxe para a vida dos discentes, ainda há alguns detalhes que, segundo eles, podem ser implementados, para que assim chegue a seu mais alto nível de qualidade.

4. Conclusão

O Proeja é de grande importância, pois traz aos jovens e adultos a oportunidade de darem continuidade a sua formação que foi interrompida por vários fatores, capacitando-os para exercerem uma profissão de nível técnico. Tendo isso como base, é possível verificar que ele não deve deixar de existir, haja vista o tamanho dos impactos positivos que trouxe para a vida de jovens e adultos. Sendo assim, pode-se afirmar que projetos como este auxiliam de forma significativa para a formulação de próximos cursos técnicos integrados ao Proeja, pois procuram compreender o grau de satisfação do estudante, o que pode ou não ser melhorado e se o curso está sendo conduzido de forma clara e objetiva com os seus conteúdos. Ter todas essas informações contribui de forma significativa para que o curso prossiga com seu bom andamento, e com isso seja possível colaborar para a formação de um público cada vez maior e mais capacitado para o mercado de trabalho.

Referências

- AFONSO, Anthonete Mateus Magalhães; GONZALEZ, Wania Regina Coutinho. Educação Profissional e Tecnológica: análises e perspectivas da LDB/1996 à CONAE 2014. 2016. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 24, n. 92, p. 719-742. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362016000300009>. Acesso em: mai.2021.
- BARACHO, M. G.; PEREIRA, U. A.; SILVA, A. F. Algumas reflexões e proposições acerca do ensino médio integrado à Educação Profissional técnica de nível médio. Ensino médio integrado à Educação Profissional. **Programa Salto para o Futuro**. TV escola. Boletim 07. maio/junho de 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/boletim_salto07.pdf. Acesso em: mai.2021.
- CAMPOMAR, M. C. Do uso de “estudo de caso” em pesquisas para dissertações e teses em administração. **Revista de Administração da USP**, v. 26, n. 3, p. 95-97, 1991.
- LIMA, Paulo Gomes. A diversidade nas políticas educacionais no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, p. 27-42, 2016.
- MANZATO, A. J.; SANTOS, A. B. **A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa**. Departamento de Ciência de Computação e Estatística – IBILCE – UNESP, 2012. Disponível em: http://www.inf.ufsc.br/~verav/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIOS_PESQ_UISA_QUANTITATIVA.pdf. Acesso em: 17 maio 2021.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11. Ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOURA, Dante Henrique. Educação básica e Educação Profissional e Tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. **Revista Holos**, ano 23, v. 2, 2007. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1251>. Acesso em: mai.2021.

MOURA, Dante Henrique; HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmento. PROEJA: entre desafios e possibilidades. **Holos**, v. 2, p. 114-129, 2012.

PACHECO, Eliezer. **Institutos Federais uma revolução na educação profissional e tecnológica**. ISBN 978-85-16-07375-6. São Paulo – SP: Editora Moderna, 2011.

SUDMAN, S.; BRADBUM, N. M. **Asking questions**. San Francisco: Jossey- Bass, 1982.

Apêndices

APÊNDICE A – Situação de alunos

Aluno e ano de ingresso	Situação	Sugestões
Aluno A (turma 2016)	Evasão	Melhorar a dinâmica do curso.
Aluno B (turma 2019)	Evasão	Ser ensino superior ao invés de técnico.
Aluno C (turma 2018)	Evasão	Ter aulas complementares ou matérias extras.
Aluno D (turma 2019)	Concludente	Aprofundar nas matérias de marketing.
Aluno E (turma 2018)	Concludente	Mais esforço da parte dos professores.
Aluno F (turma 2018)	Evasão	Não soube responder.
Aluno G (turma 2016)	Evasão	Não soube responder.
Aluno H (turma 2016)	Evasão	Não ser todos os dias presenciais e os professores poderiam atender melhor pelo WhatsApp.
Aluno I (turma 2018)	Evasão	Não ser apenas na parte da noite.
Aluno J (turma 2016)	Evasão	Deveria ter a opção de ser apenas o curso, sem o ensino médio, deixando as duas opções.

Continua...

Aluno e ano de ingresso	Situação	Sugestões
Aluno K (turma 2016)	Evasão	Não soube responder.
Aluno L (turma 2016)	Evasão	Ter a opção de ser apenas o curso técnico, sem ser integrado ao Projeja.
Aluno M (turma 2016)	Evasão	Está bom da maneira como está.
Aluno N (turma 2019)	Evasão	Não soube responder.
Aluno O (turma 2019)	Evasão	Não precisa mudar nada.
Aluno P (turma 2019)	Evasão	Poderia ter administração, pedagogia, RH. Esses cursos seriam ótimos para ter no instituto.
Aluno Q (turma 2019)	Evasão	Preparar melhor os estudantes para o mercado de trabalho.
Aluno R (turma 2016)	Evasão	O sistema deveria buscar parcerias com empresas madrinhas, tanto a grande quanto a pequena, para que o processo de aprendizado seja mais efetivo.
Aluno S (turma 2017)	Concludente	Mais esforço da parte dos professores.
Aluno T (turma 2019)	Concludente	Não soube responder.
Aluno U (turma 2018)	Concludente	Está adequado.
Aluno V (turma 2017)	Concludente	Está bom como está.
Aluno W (turma 2019)	Concludente	Está bom como está.
Aluno X (turma 2017)	Evasão	Ter aulas complementares ou matérias extras para quem quiser.
Aluno Y (turma 2019)	Evasão	Deveria ter transporte para levar os estudantes, mesmo os de dentro da cidade.

Fonte: Elaborado pelas autoras.